

## A REPRESENTAÇÃO FEMININA NO PERSONAGEM DA CAPITÃ MARVEL NO FILME: CAPITÃ MARVEL

### THE FEMALE REPRESENTATION IN THE CHARACTER OF CAPTAIN MARVEL IN THE MOVIE: CAPTAIN MARVEL

Ângela Karenine Saraiva Alves<sup>1</sup>

Thamy Saraiva Alves<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo permeia analisar a postura do empoderamento feminino na representatividade da personagem Carol Danvers – Capitã Marvel, no filme: Capitã Marvel, tendo como objetivos específicos verificar a representatividade inconsciente-memória da personagem – mulher na sociedade contemporânea, além de averiguar quais fenômenos de representatividade a personagem – Capitã Marvel contribui para a praticidade da mulher moderna. Com base no aporte teórico os autores: Ferreira (2016); Freud (1976/2006); Mitchel (1979); Moscovici (2003); entre outros, que baseiam seus estudos na figura feminina e seu universo representativo social, evidenciando a necessidade de entender o processo de representatividade destas mulheres. A metodologia utilizada o levantamento bibliográfico, numa abordagem qualitativa, em uma pesquisa bibliográfica, dando a relevância da pesquisa, as contribuições psicossociais e sua ressignificação de representatividade da mulher na sociedade.

1098

**Palavras-Chaves:** Psicologia. Representatividade. Mulher.

**ABSTRACT:** This article analyzes the posture of female empowerment in the representativeness of the character Carol Danvers – Captain Marvel, in the movie: Captain Marvel, with the specific objectives of verifying the unconscious-memory representativeness of the character – woman in contemporary society, in addition to finding out which phenomena of representation of the character – Captain Marvel contributes to the practicality of the modern woman. Based on theoretical contributions, the authors: Ferreira (2016); Freud (1976/2006); Mitchell (1979); Moscovici (2003); among others, who base their studies on the female figure and their social representative universe, highlighting the need to understand the representation process of these women. The methodology used is the bibliographical survey, in a qualitative approach, in a bibliographical research, giving the relevance of the research, the psychosocial contributions and its ressignification of women's representativeness in society.

**Keywords:** Psychology. Representativeness. Woman.

<sup>1</sup>Graduanda de Psicologia pela Universidade da Amazônia - UNAMA (2018).

<sup>2</sup>Doutora em Comunicação, Linguagem e Cultura pela Universidade da Amazônia (2019), Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará (2013), Especialista em Análises Linguísticas e Estudos Literários pela Universidade Estadual do Pará (2011), Especialista em Língua Portuguesa e Literaturas pela Faculdade Integrada Brasil Amazônia (2010), Graduação em Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa, Inglesa e Literaturas pela Universidade do Estado do Maranhão (2009), Possui Cursos livre de Libras e TEA, atuando nas temáticas: linguística, literatura, variação linguística, semântica, ensino de Língua portuguesa, Sociolinguística e interdisciplinaridade de Linguagem.

## INTRODUÇÃO

Consabido que ainda é relevante o debate e a discussão sobre a mulher como representatividade na sociedade contemporânea, principalmente, pois se tem a visão de heranças patriarcais. Nessa perspectiva, a progressão da mulher é algo importante para sua libertação, visto que a mesma, ainda encontra dificuldade em razão de seu gênero, sofrem violência, e tem dificuldade ascender profissionalmente, apesar dos avanços da inclusão do enfoque de gênero nas agendas públicas em nível mundial, como observamos na sociedade.

Nesse paradigma, a participação da mulher é presente em movimentos, conscientização na sociedade, atuação nas instâncias governamentais e também com a criação de organizações da sociedade civil. A partir de sua inclusão social, instrução, profissionalização, consciência de cidadania e, também, “por uma transformação no conceito que ela tem dela mesma, em sua autoestima” (FERRARI, 2016, p. 2).

É importante ressaltar que o processo de empoderamento das mulheres elenca uma nova concepção de poder, que assume formas de democracia e poder compartilhado, possibilitando a construção de novos mecanismos de responsabilidade coletiva, da tomada de decisões e de responsabilidades, pontuando que nenhuma forma de controle é absoluta e, assim, sempre haverá algum espaço, mesmo reduzido, que permitirá a existência de autonomia da mulher.

Destarte, que o artigo refere em analisar a postura do empoderamento feminino na representatividade da personagem Carol Danvers – Capitã Marvel, no filme: Capitã Marvel, buscando verificar a representatividade inconsciente-memória da personagem – mulher na sociedade contemporânea, além de averiguar quais fenômenos de representatividade a personagem – Capitã Marvel contribui para a praticidade da mulher moderna.

A partir desses objetivos, temos como aporte teóricos os autores: Ferreira (2016); Freud (1976/2006); Mitchel (1979); Moscovici (2003); entre outros, em que seus estudos se baseiam na figura feminina e seu universo representativo social, evidenciando a necessidade de entender o processo de representatividade destas mulheres.

A metodologia utilizada serão levantamento bibliográfico em relação ao tema, numa abordagem qualitativa, na pesquisa bibliográfica. Decorrente dos diversos fatores que configuram a representatividade da mulher no filme Capitã Marvel, que segundo Priore (1998), deve-se identificar a mulher em cada lugar observável, nomeá-la, reconhecê-la e

compreender em que circunstâncias ela foi espoliada na sua relação oficial com o mundo, aponto de e entender o sentido e o significado dessa representação da mulher em sociedade.

Entretanto, a relevância do artigo contribui para uma compreensão psicossocial e sua ressignificação de representatividade da mulher no filme Capitã Marvel, entrelaçando e fortalecendo essa representação identitária de construir histórias pessoais, objetivando transmutar um sentido a uma figura-mulher na vida real em sociedade.

## MULHER EM SOCIEDADE

A mulher ao decorrer da história, tem conseguido seu espaço, sendo está fundamental para sua participação na sociedade e no mundo. Mais, nem sempre fora assim, a mulher teve que atravessar um percurso extenso de mudança histórico cultural de crenças, normas e costumes que a realidade propusera ao determinado contexto, seja experimentada ou naturalizado.

Nesse viés, não cabia à mulher ter o controle de si mesma, principalmente quando se referia aos seus sentimentos e sexualidade. Perrot (2008) em sua análise sobre a história das mulheres ressalta que a representação do sexo feminino produzida pela ciência é marcada pela falta. À mulher, passiva e vazia, inclusive anatomicamente, não era permitida a manifestação de seu interesse por um homem, lhe restando esperar pelo despertar da vontade deste. Caso isso se concretizasse, precisava ainda se submeter à vontade de outro homem: seu pai, que decidia – e muitas vezes negociava – sua vida através do casamento. (ARAÚJO, 2012). Uma ideia de que não se sustentava apenas pela força da figura paterna, mais a Igreja no período colonial apontava de que a mulher trazia a marca do pecado original em sua natureza, desta forma, para que se evitasse a ameaça do mal “o sexo das mulheres devia ser protegido, fechado e possuído” (PERROT, 2008, p.64), combatendo assim a expressão quanto aos desejos femininos.

Segundo Araújo (2012), o controle sobre a mulher, era apenas de coibir do pecado, limitando sua liberdade de modo que “repetia-se como algo ideal, nos tempos coloniais, que havia apenas três ocasiões em que a mulher poderia sair do lar durante toda a sua vida. Para se batizar, para se casar e para ser enterrada.”, nesse sentido, temos os conventos que eram depósitos de mulheres agregados à religiosidade e a contenção da sexualidade, uma decisão tomada pelo próprio pai, representando a devoção da família, em que autor diz que com este gesto, “o pai cumpriria sua obrigação e a filha, retirada e contida em sua cela, passaria a aspirar à santidade.” (ARAÚJO, 2012, p.69).

Nessa situação, a honra feminina era algo glamoroso, uma riqueza a ser defendida, que estava destinada a um homem, como afirma Soihet (2012). Caso a mulher fosse solteira, deveria manter-se virgem, sendo casada, deveria zelar pelo seu casamento a partir da fidelidade e submissão ao marido. Entretanto, havia um sistema de casamento, em que a mulher era a moeda de troca em relações que tratavam muitas vezes, de interesses políticos e econômicos no contexto burguês. Portanto, Falci (2012.) corrobora esta ideia ao considerar o casamento como uma espécie de “compromisso familiar”. Assim, compreendemos a responsabilidade da mulher em manter a organização familiar futura e também garantir a estabilidade da família de origem. Um elemento central deste sistema é a virgindade feminina considerando o valor que confere à negociação (PERROT, 2008). Em decorrência dessa troca de moeda, o corpo feminino deveria ser vigiado e controlado para que os ganhos da família fossem preservados.

Assim, para a família, comunidade e igreja, a vida de uma mulher estava a salvo quando esta cumpria seu papel de mãe e esposa, enlaçada pela benção da santa madre igreja, que segundo Araújo (2012), independentemente de qualquer realização pessoal. “Finalmente, com prazer ou sem prazer, com paixão ou sem paixão, a menina tornava-se mãe, e mãe honrada, criada na casa dos pais, casada na igreja.” (ARAÚJO, 2012, p.52). Neste contexto, é atribuído às mulheres somente um processo reprodutivo, e quando não se enquadravam na função de boa esposa, cuidadora do lar e ser reprodutor, eram designadas pela enfermidade, pois, para a igreja, a mulher dita normal era aquela que adequava ao funcionamento da sociedade era a boa esposa e mãe.

Entretanto, na obra de Freud (1905/1976), a doença tipicamente feminina, a histeria, estava associada aos desvios do desejo da mulher, sendo este deslocado para o sintoma quando incompatível com os valores, leis e moral internalizados. A maternidade era compreendida como essência da mulher e representava o padrão de vida saudável de modo que “a menstruação, a gravidez e o parto seriam os aspectos essencialmente priorizados na definição e no diagnóstico das moléstias mentais que afetavam de modo específico as mulheres.” (ENGEL, 2012, p.333).

Portanto, mesmo se tratando da maternidade, valorizada socialmente, a mulher é dotada de um papel secundário. Del Priore (2012) nos diz que, no contexto da cultura colonial brasileira, “a fêmea não devia ser mais do que terra fértil a ser fecundada pelo macho” (2012, p.82). Sua função é receber, acolher e alimentar e, para se efetivar, depende daquele que é capaz de produzir algo: o homem. Assim, a mulher subjugada encontra no interior do seu

vazio, sua satisfação, quem sabe a única possível, a reprodução e o objeto que lhe dê sentido à vida.

A perspectiva do conhecimento e do saber era negado às mulheres, pois era sagrado, cabendo somente a Deus e aos homens (PERROT, 2008), advindo o caráter de inferioridade e o silenciamento do discurso feminino sobre sua própria vida, pois qualquer expressão feminina que contrarie a dominação do homem, da igreja e da razão era compreendida como o mal a ser combatido, preferencialmente, queimado, conforme relatos de Perrot (2008).

Na Antiguidade a mulher se ocupa de tarefas manuais relacionadas à agricultura e ao trabalho doméstico. Destacam-se as atividades de ceifar o trigo, tosquiando os animais, fiação e a tecelagem, conforme apresentado por Rocha (1991). No entanto, na Idade Média, Rocha (1991) prediz que eram poucas as atividades nas quais as mulheres atuavam fora do contexto doméstico. Além da agricultura, que ainda predominava dentre as ocupações das camponesas, encontravam-se as mãos femininas na tapeçaria, joalheria e feitiço de renda. Estas atividades também que se caracterizavam pelo caráter artesanal.

Ao perpassar o tempo, observamos hoje que a mulher segundo Barbosa & Rocha-Coutinho (2007), o desejo agora atendido é o da mulher e assim ela pode se orientar para sua satisfação. Ela assume as rédeas do que antes era seu destino para construir e se apropriar do futuro. Em outras palavras, a mulher do século XXI deixou de ser coadjuvante para assumir um lugar diferente na sociedade, com novas liberdades, possibilidades e responsabilidades, dando voz ativa a seu senso crítico.

Assim, o feminino consegue se estabelecer no meio social enquanto agente produtivo sem deixar de desempenhar seu importante papel no meio familiar. Ela acumula funções, se faz múltipla dentro e fora de casa e seu ideal de mulher passa da princesa dos contos de fada, salva por um homem que lhe desperta e liberta para a vida (SIMÕES, 2011), à heroína com superpoderes. (ROCHA-COUTINHO, 2004)

## SINOPSE DO FILME CAPITÃ MARVEL

O filme apresenta a piloto da força aérea Carol Danvers (Brie Larson) que se tornou uma poderosa guerreira de uma força de elite da raça Kree e tem lembranças de uma vida da qual não se lembra de nada. Após uma missão contra a raça Skrull sair errado, ela acidentalmente cai na Terra e começa a ter pistas de sua real identidade. Com a ajuda de Nick Fury (Samuel L. Jackson), Danvers precisa relembrar tudo que está em sua memória, que pode ser a chave para acabar com a guerra intergaláctica entre os Kree e os Skrull.

Composta por um excelente elenco de atores, o filme Capitã Marvel, com direção de Anna Boden e Ryan Fleck, tem no elenco Brie Larson (Carol Danvers/Capitã Marvel), Judeu Law (Comandante da Starforce), Samuel L. Jackson (Nick Fury), Ben Mendelsohn (Talos), Clark Gregg (Phil Coulson), Lee Pace (Ronan), Djimon Hounsou (Khorat) e Annette Bening.

O filme Capitã Marvel (título original: Captain Marvel) foi um dos filmes mais esperados do ano de 2019, e cumpre bem seu papel como adaptação dos personagens criados por Stan Lee, Roy Thomas e Gene Colan. Vigésimo primeiro filme do Universo Cinemático da Marvel, a produção antecede a trajetória de quase todos os heróis da Marvel Comics mostrados no cinema nos últimos onze anos, à exceção de Capitão América: O Primeiro Vingador (2011), cuja história de origem acontece durante a Segunda Guerra Mundial. Transposição livre para as telas da narrativa em A Guerra Kree-Skrull (1971-1972), o filme traz o início da Iniciativa Vingadores, bem como elementos que devem introduzir a personagem título no mais do que aguardado Vingadores: Ultimato (2019).

Entretanto, a personagem perde a memória e se vê obrigada a juntar as peças de seu passado, de forma que descobrimos junto dela o seu passado e futuro. Essa é uma forma inteligente de subverter um pouco um tipo de estória que já satura o mercado de quadrinhos e heróis.

Observando, a ambientação de Capitã Marvel também é uma característica relevante do filme. Os anos 90 são presentes na trilha sonora do longa e na indumentária; até os olhos pouco atentos irão perceber a presença de objetos que fizeram parte daquela década. Considerado pela crítica até um bom filme, mesmo tendo como protagonista a mulher.

Nesse contexto, o filme apresenta a ação de Capitã Marvel uma distinção entre os outros filmes de origem de super-heróis, mais busca mostrar uma personagem com representatividade de identidade própria, atrelada a um dispositivo de comunicação com o símbolo da heroína feminina.

## **A REPRESENTATIVIDADE DA PERSONAGEM – MULHER – CAPITÃ MARVEL**

É indiscutível que, desde o princípio, a representação da mulher nas artes é marcada pela visão do patriarcado e do machismo que destacava a submissão ao sexo oposto as colocando como donas de casas, esposas e mães que se mesclavam a perspectiva idealização da mulher como sensível e frágil até meados do século XX.

A imagem feminina nos cinemas influencia a visão da mulher na sociedade, aderindo uma forte sexualização feita pelos homens com sua representação de um ser de capacidades de manipulação através do corpo e da sexualidade, a destacando como solitária, glamorosa e sensual que tem apenas utilização para o desenrolar de um romance com o protagonista, tornando-se sua propriedade e perdendo suas principais características atribuídas no começo, sua elegância e glamour.

Entretanto, com o advento do movimento feminista na década de 60, a mulher começou a questionar e ampliar seu lugar na sociedade nos campos sociais, econômicos e políticos, alterando a sua figura para além de um objeto marcado pela superioridade masculina.

Em consequência disso, nos dias atuais, a representação da mulher nas telas alterou-se com o tempo, saindo de uma mulher sexual para uma figura adorável, ainda com foco nas idealizações masculinas, desenvolveu-se personagens femininas meigas com bom gosto musical, atrapalhada e com pequenos defeitos que exaltam sua forma amável como visto no filme *Manic Pixie Dream Girl* (MPDG).

No entanto, em filmes como *Jogos Vorazes* (2013), *Divergente* (2014), *Mad Max: Estrada da Fúria* (2015), *Caça-fantasmas* (2016), *Mulher-Maravilha* (2017) e *Capitã Marvel* (2019), a mulher foge da sexualização, passando a apresentar características que são atribuídas aos homens como coragem e força. Saindo da dependência masculina até em filmes de animação como *Frozen* (2013) que possui a primeira princesa da Disney que não tem príncipe, *Zootopia* (2016) que tem como foco sua protagonista superando barreiras, sendo uma delas o próprio machismo, e *Moana* (2017), a filha de um chefe de uma tribo, que percorre os mares e enfrenta monstros para salvar sua ilha.

Notamos o crescimento da representação feminina no espaço cinematográfico para longe do olhar, desempenhando o identitário, na representatividade feminina-mulher, a apresentação da personagem *Capitã Marvel* no filme, mostra em primeiro momento uma jovem perdida, que segundo a história, cai acidentalmente na Terra e começa a ter pistas de sua real identidade, assim, o ao decorrer do filme encontramos sinais de memória recalcada, que a levam uma insegura a quem realmente ela é, e em outro momento, consciente de seus poderes, e de quem realmente e qual sua função, e segura de si, a *Capitã Marvel* mostra que não precisa provar nada a ninguém.

A partir desse pressuposto, o feminismo ganha voz, protagonismo exercido pela personagem do filme, fazendo um retrato poderoso da mulher no ambiente masculino, pois

como observamos a personagem não se encaixa nas personagens habituais, de princesinha em perigo, mais de uma mulher forte e determinada para solucionar problemas.

Nesse pressuposto, a representação feminina pode ter ganhado espaço nos últimos anos, que vem se fortalecendo e se reconstituindo a favor de uma necessidade de pensar a mulher, enquanto condições de ser humano. Assim, Amorim (2011) destaca a expressão da mulher em sua constituição, por uma significativa aparição no social como “ativo e inovador pelo ato criativo, por contestar inclusive a si mesma.

Atualmente, busca alternativas, instrumentos, que lhe propiciem a diferença como sua base de constituição social, papel anteriormente atribuído à igualdade” (AMORIM p.84), mesmo que tenha que lidar com a dupla jornada de trabalho, muitas vezes atenção redobrada aos filhos, junto à vida doméstica, as mulheres conquistaram grandes espaços formais, de autonomia e independência.

Nesse contexto social, a representatividade é de extrema importância quando falamos de empoderamento feminino, pois representar pessoas e grupos no cinema, televisão, música, jornais e até no cenário político, faz com que diversos grupos tenham uma pessoa que valide sua voz e sua luta, ou seja, o empoderamento feminino não é uma ideologia a ser pregada e sim uma forma de criar consciência. Entretanto, a nova atualização do feminino precisa ser assistida e atendida, visto que esta vem se atualizando de forma significativa e rápida em contato com os recursos tecnológicos do século XXI, em contextualização e entendimento das novas demandas que surgem no meio social hoje.

## METODOLOGIA

A pesquisa surgiu a partir de um comentário do docente em sala de aula, a qual nos propusera como discentes, realizar a construção de um artigo, visto que a temática ficaria por conta dos alunos, divididos em grupos de dois ou mais, ficando a critério dos alunos.

Entretanto, a pesquisa norteia alguns momentos, sendo que no primeiro momento, fizemos o diálogo para a escolha do tema, feito a escolha, buscamos traçar os objetivos que foram: Analisar a postura do empoderamento feminino na representatividade da personagem Carol Danvers – Capitã Marvel, no filme: Capitã Marvel, buscando verificar a representatividade inconsciente-memória da personagem – mulher na sociedade contemporânea, além de averiguar quais fenômenos de representatividade a personagem – Capitã Marvel contribui para a praticidade da mulher moderna, depois dos objetivos feitos, buscamos o aporte teórico nos autores: Ferreira (2016); Freud (1976/2006); Mitchel (1979);

Soihet (2012); Araújo (2012), Perrot (2008) Freud (1976); Moscovici (2003) e outros que buscam embasar a construção do feminismo, a mulher moderna, além da representatividade feminina da mulher na esfera social.

No segundo momento, na metodologia a utilização do levantamento bibliográfico em relação ao tema, numa abordagem qualitativa, na pesquisa bibliográfica. Decorrente dos diversos fatores que configuram a representatividade da mulher no filme Capitã Marvel, que segundo Priore (1998), deve-se identificar a mulher em cada lugar observável, nomeá-la, reconhecê-la e compreender em que circunstâncias ela foi espoliada na sua relação oficial com o mundo, aponto de entender o sentido e o significado dessa representação da mulher em sociedade.

Entretanto, a relevância do artigo contribui para uma compreensão psicossocial e sua resignificação de representatividade da mulher no filme Capitã Marvel, entrelaçando e fortalecendo essa representação identitária de construir histórias pessoais, objetivando transmutar um sentido a uma figura-mulher na vida real em sociedade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente artigo ao analisar a figura da mulher no filme Capitã Marvel, configurando a personagem essa representatividade identitária, em que a leitura de diversos artigos, fizeram com que esse novo olhar sobre o empoderamento da mulher em pleno século XXI, conhecido como sociedade contemporânea, e com a luta de direitos e ideologias que a mulher busca seu espaço, não somente como a que representa, mas nas diversas situações que esta está presente, mãe, esposa, profissional, e onde ela queira está, podemos dizer que o papel da mulher na família se transformou devido ao mercado de trabalho que acabou dando oportunidade a mulher de trabalhar em diversas áreas.

Dessa forma, a partir do século XIX, os movimentos que envolviam as mulheres começaram a ganhar forma na sociedade brasileira, pois novas ideias sobre a mulher, contrárias aos ideais moralizantes da igreja e da escola que difundiam um ideal feminino caracterizado pela submissão. Contudo, ainda observamos que muitos pensam que o lugar da mulher permaneceu vinculado à vida doméstica (de certa forma, o é até hoje), pontuando diferenças entre homem e mulher na esfera familiar e na sociedade - diferenças estas justificadas por suposta determinação biológica.

Assim, na segunda metade do século XX surgem as mudanças significativas em relação ao papel social da mulher, questionando-se a desigualdade e a hierarquia de gênero

características do modelo patriarcal. Até o início dos anos 1960, a mulher de classe média só encontrava espaço nas “carreiras” do casamento e da maternidade e, eventualmente, como professora, “numa continuidade de seu papel como mãe e educadora”, como ressalta Matos (2000), e que segundo Bassanezi (2002) registra que nos “anos dourados” (anos 1950), a condição de mãe, esposa e dona de casa era considerada parte da essência feminina e destino natural de toda mulher

Faz-se ressaltar que conforme Rocha-Coutinho (2001), com o nascer da sociedade industrial moderna e da separação das esferas de produção e reprodução, foram definidos limites claros para as identidades feminina e masculina, aquela marcada por características estabelecidas como importantes para o funcionamento do espaço privado da reprodução, definindo o que é ou não próprio da “natureza” feminina, ou seja, de sua identidade. É nessa perspectiva psicossocial e integradora, que rejeita a separação entre individual e social, marcada por variações relacionadas às condições socioeconômicas entre homens e mulheres deste os primórdios da sociedade.

Para Rocha-Coutinho (2004), que a definição da identidade feminina “sempre caminhou paralelamente a uma maciça discriminação das mulheres” (ROCHA-COUTINHO, 2004 p. 4). Permeia que as mulheres foram excluídas das esferas de poder e influência social, por serem tidas como não portadoras das competências consideradas indispensáveis à vida pública, visto que, historicamente, sua identidade foi construída pautada no casamento, na maternidade e no tipo de vida doméstica implicada a partir daí. É nesse discurso ou pratica que foram produzidos e mantidos ao longo dos anos.

Segundo Queiroz (2002) enfatiza o aspecto dinâmico da representação social, afirmando que “é no processo de significação que os sujeitos, na sua relação com o mundo, reconstroem novos significados e são recriados por estes” (QUEIROZ 2002, p. 94). Sendo assim, as representações sociais, para Abric, (2000) não são estáticas; ao contrário, constituem um processo, e dependem tanto de fatores circunstanciais quanto de fatores mais globais. Assim, o trabalho representa para a mulher a possibilidade de autonomia em diferentes níveis, mas representa também o desafio da conciliação com a vida familiar, uma vez que a inserção feminina no mercado de trabalho não afastou a mulher de funções domésticas, mas sim a colocou na intersecção dessas duas esferas, em posição que muitas vezes é geradora de angústia e sofrimento, visto que uma função ainda parece sobressair-se culturalmente sobre as demais: ser mãe.

Nesse viés, o filme nos propõe um olhar diferenciado do papel da mulher hoje, apresentando a origem da heroína de uma forma diferente da maior parte dos outros heróis, iniciando a história de um ponto em que ela ainda não conhece sua própria identidade, tornando a trama mais interessante. Por se trata de um marco no cinema, *Capitã Marvel*, é visto como o primeiro filme de super-heróis da Marvel Comics, protagonizada por uma heroína, altamente poderosa e independente, que não precisa de um amparo masculino em suas ações ou um relacionamento amoroso forçado para justificar seu protagonismo.

Por meio da personagem principal, o filme reforça a independência da mulher e a igualdade de gênero; que a ela cabe decidir que espaços pode e deve ocupar (isto é bem evidenciado em certa sequência do filme). Em tempos em que a representatividade se faz tão importante, garotas no mundo todo ganham uma enorme referência nas telonas. Entretanto, é divertido e extrovertido, com alívios cômicos bem dosados e um bom ritmo, além de contar com ótimos efeitos visuais e um arco final surpreendente, traz a mensagem sobre o empoderamento feminino, mostrando uma mulher forte, que quebra barreiras e descobre seus próprios poderes e limites.

Mesmo em uma sociedade que ainda agrega o discurso de que a menina deve alinhar-se somente a um comportamento e beleza delicada, enquanto que meninos crescem cercados por heróis que representam força e determinação. Observamos, que *Capitã Marvel* chega exatamente em um momento no qual mulheres adultas, vítimas das princesas, estão se descobrindo fortes; e meninas, que tanto tem a aprender sobre si mesmas podem se espelhar em uma história no qual a pessoa mais forte, a protagonista do filme, é uma mulher, dizendo a sociedade que mulher tem voz e representação social, como relevância ao estudo da figura da mulher na sociedade.

## CONCLUSÃO

Podemos constatar que no mundo do trabalho há um descompasso entre o discurso que fala a igualdade entre homens e mulheres e as práticas que são observadas no dia-a-dia. Para Carli & Eagly (2001), por exemplo, quase todas as mulheres que alcançaram posições de destaque na hierarquia das corporações mundiais o fizeram na década de 90, ou seja, essa é uma conquista bastante recente para as mulheres de uma sociedade ainda patriarcal.

Entretanto, para nosso estudo, analisarmos a postura do empoderamento feminino na representatividade da personagem Carol Danvers – *Capitã Marvel*, no filme: *Capitã Marvel*, a partir de uma perspectiva psicossocial, verificando a representatividade

inconsciente-memória da personagem – mulher na sociedade contemporânea, buscando identificar quais são os elementos que participam da construção de representações sociais contribuindo para a praticidade da mulher moderna. Visto que, as representações sociais podem fornecer pistas sobre o que pensam os grupos e os indivíduos a esse respeito, em termos de estilos de comportamento e de efeitos de influência social.

Portanto, Autores como Moscovici (1978/2008) e Abric (2000), Araújo (2005), Ferrari (2019) e Amorim (2011) afirmam que determinados comportamentos do indivíduo que consegue influenciar outras pessoas – mesmo não dispondo de poder ou sinais de que desfruta de reconhecimento social, a partir desse pressuposto, se procura não só desvendar os processos de construção das representações que norteiam as interações entre homens e mulheres, como também redimensionar o papel que a mulher desempenha nesse processo.

Assim, partimos da premissa da citação de Moscovici (2010) que diz que as representações são como uma força, e que essa força decreta o que devemos pensar, como uma imposição. O autor ainda prediz que as representações são resultados de sucessivas gerações, sendo partilhada por várias pessoas, elas penetram e influenciam as nossas mentes, difundindo-se a partir dos diversos canais da cultura, ou seja, família, escola, mídia, religião, etc.

1109

É necessário ressaltar, que as representações a respeito de gênero, nesse caso o feminino, é uma ação urgente em nossa sociedade, pois elas são responsáveis pelas desigualdades e as expressões de violência que tanto nos tem acometido, pois como cita Moscovici (2010, p. 66), “[...] todos nossos ‘preconceitos’, sejam nacionais, raciais, geracionais ou quaisquer que alguém tenha, somente podem ser superados pela mudança de nossas representações sociais da cultura, da ‘natureza humana’ e assim por diante”. Nesse contexto, a relevância dos resultados dessa pesquisa, são características produzidas no comportamento e relações sociais idealizados por uma sociedade, que precisa rever com prisma as lutas ideologias da mulher moderna.

## REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In A.S.P. Moreira e D. C. Oliveira (Orgs.). Estudos interdisciplinares em representação social (pp. 39-46). Goiânia: AB, 2000

AMORIM, Linamar Teixeira. Gênero: uma construção do movimento feminista? Anais II Simpósio Gênero e Políticas Públicas. Universidade Estadual de Londrina, 18 e 19 de agosto de 2011.

ARAÚJO, C., & Scalon, C. Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In C. Araújo & C. Scalon (Orgs.). *Gênero, trabalho e família no Brasil* (pp. 15-88). Rio de Janeiro: FGV, 2005

ARAÚJO, M. F. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. *Psicologia Clínica*, 17 (2), p.41-52, 2005

BASSANEZI, C. (2002). Mulheres dos anos dourados. In M. Del Priore (Org.). *História das mulheres no Brasil* (pp. 607-639). São Paulo: Contexto.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto. *Metodologia Científica*. Editora Pearson Prentice Hall, 6º ed. São Paulo 2007

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. São Paulo: centauro, 2002.

FERRARI, Rosana. O Empoderamento da Mulher. Disponível em: <http://www.fap.sc.gov.br/noticias/empoderamento.pdf> Acesso em: 29 set 2019.

FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: feminilidade. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Vol. 22, pp. 139-165). Rio de Janeiro: Imago. 1976. (Trabalho original publicado em 1933 e escrito em 1932)

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In D. Jodelet (Org.). *As representações sociais* (pp. 17-44). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001

MATOS, M. I. S. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 2000

MITCHEL, J. *Psicanálise e feminismo*. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

MOSCOVICI, S *Representações sociais: investigações em Psicologia Social*, 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. *Representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. 1978

PRIORE, M. D. *História das mulheres: As vozes do silêncio*. Historiografia brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto, 1998.

QUEIROZ, A. B. A. *O ser mulher e a infertilidade: Um estudo de representações sociais*. Tese de Doutorado, Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 2002

ROCHA-COUTINHO, M. L. A difícil arte de harmonizar família, trabalho e vida pessoal. In T. Féres-Carneiro. *Casal e família: transmissão, conflito e violência* (pp.13-33). São Paulo: Casa do Psicólogo. 2013

ROCHA-COUTINHO, M. L. Dos contos de fadas aos super-heróis: mulheres e homens brasileiros reconfiguram identidades. *Psicologia Clínica*, 12(2), 65-82. 2001